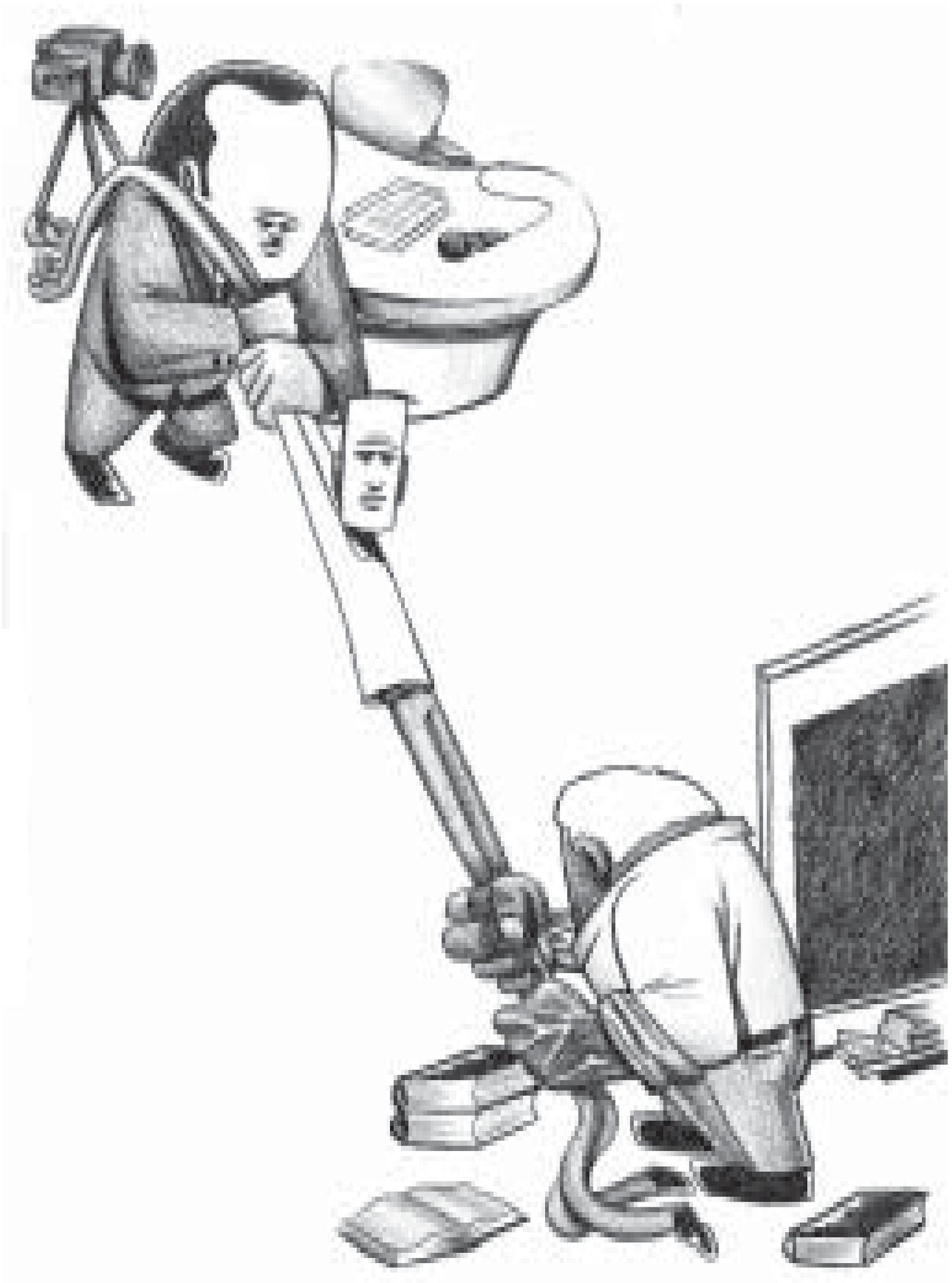


LOGOS



O ensino de telejornalismo no Brasil: entre a teoria e a prática

Antonio Brasil*

RESUMO

O ensino de Telejornalismo no Brasil vive o impasse de uma didática estática, inadequada ao aprendizado de um meio dinâmico, de imagem tridimensional. O artigo aponta uma saída para a disciplina de Telejornalismo, que passa necessariamente por uma aliança entre a efetiva prática profissionalizante e os conhecimentos teóricos e humanísticos, que permitem uma visão crítica do meio.

Palavras-chave: formação profissional; Telejornalismo; TV universitária.

SUMMARY

The teaching of telecast news in Brazil is going through an impasse of static didactics, not suitable to the learning of a dynamic means, provided with three dimensional image. The paper shows a way out for such specific activity, which necessarily forms an alliance between the actual professional practice and the theoretical and humanistic knowledge, allowing for a critical view of the milieu.

Key words: professional formation, telecast news, college TV.

RESUMEN

La enseñanza de periodismo de televisión en Brasil vive el trance de una didáctica estática, inadecuada al aprendizaje de un medio dinámico, de imagen tridimensional. El artículo apunta a una salida para esa materia, que pasa necesariamente por una alianza entre la efectiva práctica de formación de profesionales y los conocimientos teóricos y humanísticos, que les acceden una visión crítica del medio.

Palabras-clave: formación profesional; periodismo de televisión; televisión universitaria.

O ensino de Telejornalismo é um exemplo referencial do grande desafio atual para as faculdades de Comunicação no Brasil. De um lado, há a predominância de uma cultura acadêmica que ignora o mercado profissional no qual vão ingressar os alunos; e, de outro, uma realidade de mercado em que a prática é considerada simplesmente essencial. Esta incompatibilidade entre ensino e exercício da profissão é discutida amplamente em diversos artigos publicados e em seminários acadêmicos, mas sem que se chegue a uma conclusão.

Telejornalismo é uma disciplina que deveria ser diretamente responsável pela formação dos profissionais que irão trabalhar no principal veículo de comunicação de massa do país, a televisão – fonte predominante de obtenção de notícias para a maioria dos brasileiros. Este setor da comunicação tem grande influência social e política, participando diretamente na formação da opinião pública nacional. Esta situação hegemônica e predominante do meio televisivo merece uma análise mais profunda e atualizada. Afinal, trata-se de uma área extremamente dinâmica e em constante evolução, tanto no seu formato tecnológico quanto no conteúdo e na linguagem informacional.

As análises aqui apresentadas são resultado de extensa pesquisa que venho desenvolvendo como tese de doutorado, e fruto de uma experiência abrangente e significativa de muitos anos de prática profissional televisiva que culminaram com a tentativa, muitas vezes frustrante, de ensinar Telejornalismo em diversas faculdades de Comunicação brasileiras.

Como se ensina Telejornalismo no Brasil?

O primeiro problema na abordagem desta questão diz respeito à própria natureza da atividade e do seu ensino: uma didática estática numa profissão essencialmente dinâmica. O Professor Sebastião Squirra, doutor em Telejornalismo, numa conferência proferida no *IV Seminário Internacional de Telejornalismo*, discutiu o impasse do ensino desta disciplina no Brasil. Segundo o professor, “a mensagem telejornalística requer uma abordagem precisa e cuidadosa. No ensino de Telejornalismo, acredito que estes são os conhecimentos e valores que só se adquirem produzindo, avaliando, redirecionando, mudando posturas, voltando a produzir, numa infundável

espiral que evidencia que a escola deve vivenciar o espírito regente da vida prática das redações e centros de produção audiovisual. Os grandes exemplos nos mostram que a reflexão e a experimentação contínuas moldam excelentes produtos”¹.

O Telejornalismo reflete a cultura predominante em nossa sociedade, com os seus valores e estereótipos representados de forma exacerbada. A televisão pode ser considerada um espelho do país. De acordo com historiadores e estudiosos do meio, suas características predominantes já podiam ser identificadas no final da década de 1950, quando surgiu a primeira televisão brasileira. Naquele momento, foi muito importante a participação intempestiva de um empresário poderoso, modelo para os futuros “barões da comunicação”, Assis Chateaubriand, o Chatô. Assim foi que, apesar da presença dos ensaios meticulosos dos instrutores e técnicos norte-americanos, dos cursos cuidadosamente preparados e arduamente assistidos pelos “improvisados” profissionais vindos do rádio, houve diversos imprevistos na primeira transmissão televisiva. Uma das duas únicas câmeras, por exemplo, não funcionou! O episódio serviu para valorizar a criatividade e engenhosidade do profissional brasileiro, que, com seu famoso “jeitinho”, consegue resolver as coisas.

Já naquela época, e com orgulho, mostrava-se como seria o futuro da nossa televisão: uma constante valorização do improviso e da espontaneidade, e o pouco-caso pelo treinamento prático, pela pesquisa científica e pela avaliação profissional. Seria instrutivo comparar os mesmos parâmetros norteadores do ensino de Telejornalismo com o ensino de Engenharia ou Medicina, por exemplo. Afinal, como acreditam alguns, só se aprende fazendo.

Para se analisar especificamente o ensino de Telejornalismo no Brasil, devemos, em primeiro lugar, fazer uma revisão da bibliografia específica disponível. Existem diversos manuais sobre o assunto – escritos por profissionais competentes, com larga experiência, tanto no mercado de trabalho quanto no de ensino em cursos superiores de Comunicação – disponíveis no mercado editorial brasileiro. Com estes manuais, busca-se compilar o conhecimento técnico do “fazer” telejornalístico em suas diversas etapas, mostrando ao estudante de Comunicação, de maneira clara, como produzir matérias para televisão num breve espaço de tempo. Afinal, a grande maioria dos cursos universitários de Jornalismo do país oferece a disciplina em um, ou talvez dois semestres, com poucas exceções.

Os manuais de Telejornalismo, apesar das tentativas de fornecer informações adicionais e didáticas na forma de ilustrações e diagramas, não cumprem satisfatoriamente a função de ensinar o ofício a ser desempenhado na televisão, pois esta trabalha com a imagem em movimento, enquanto a mensagem escrita, publicada no livro, é estática.

Esses guias profissionais, embora insistam na

importância do ensino das técnicas de “casamento de imagens com texto” para a produção do conhecimento no meio televisivo, encontram dificuldades muitas vezes intransponíveis. Desta forma, a transferência do saber enfrenta as limitações do próprio meio predominante no ensino acadêmico contemporâneo: a utilização restritiva e isolada do livro didático.

A cultura da excessiva valorização teórica na maioria das faculdades de Comunicação e as limitações em relação aos equipamentos audiovisuais determinam a significativa preponderância do livro para todas as disciplinas, mesmo aquelas que tenham características essencialmente audiovisuais, como o Telejornalismo.

Por outro lado, a disseminação indiscriminada do emprego de vídeos, produzidos sem, necessariamente, fins didáticos, também contribui para uma das maiores distorções do ensino nas faculdades brasileiras em geral, e principalmente nas de Comunicação. Os professores apreciam exibir vídeos durante as aulas. Este tipo de recurso pode até ser bom entretenimento, pois substitui as longas aulas expositivas ou aquelas que não foram preparadas com antecedência. Entretanto, dificilmente obtém-se bons resultados didáticos.

A falta de material didático específico para o ensino de uma disciplina é problema recorrente em todo o ensino brasileiro – e, no caso do Telejornalismo, essa questão é ainda mais significativa. Apesar de podermos assistir ao *Jornal Nacional* com os alunos e instruí-los sobre suas peculiaridades específicas, não podemos mostrar os bastidores da produção de um telejornal. Isso é como ensinar Medicina sem deixar que os alunos dissequem um cadáver para ver seu interior. É claro que existem as famosas “visitas guiadas”, que, infelizmente, muitas vezes se assemelham às excursões aos parques temáticos do gênero *Sinbah Safari*, onde podemos ter uma noção superficial da vida selvagem de um animal em seu habitat “quase” original. No caso das visitas às emissoras de televisão, podemos ver, de longe, o desconhecido jornalista numa verdadeira redação, porém em horários alternativos, ou seja, preferencialmente quando nada esteja acontecendo. Como se diria em Telejornalismo: “muito esforço de produção e pouco resultado em informação!”

É neste contexto que devemos analisar a relação das universidades com as grandes redes de televisão do país. Conceder visitas aos estudantes não é suficiente para melhorar a qualidade do ensino de Telejornalismo. Grandes empresas – como a Petrobras, por exemplo – investem maciçamente na formação de seus futuros profissionais, desde os primeiros anos de universidade, dando apoio a centros de pesquisa e trabalhando em conjunto com essas instituições; o que encontramos na área telejornalística é essencialmente o contrário: não há qualquer relação entre escola e empresa. Há falta de parcerias de ensino, tanto

para estágios supervisionados por professores quanto para o acesso aos mesmos equipamentos profissionais utilizados pelas emissoras de televisão; os professores não se “reciclam” e nem participam do processo seletivo de estagiários; existe uma verdadeira cultura de desvalorização do ensino universitário na área da Comunicação Social.

A universidade e especificamente seus professores de Telejornalismo são criticados pelos responsáveis pela avaliação e treinamento *in house* dos futuros profissionais, por inúmeros motivos, como a falta de laboratórios modernos com tecnologia de ponta e a defasagem dos professores quanto à realidade dinâmica predominante no mercado.

Os alunos de jornalismo são regularmente avaliados e selecionados para ingresso em estágio – muitas vezes não regulamentados por lei – por firmas especializadas em recursos humanos, contratadas pelas grandes emissoras, sem qualquer intervenção das universidades. A seleção é feita de acordo com critérios particulares, mas baseados essencialmente em conhecimentos de cultura geral e na capacidade de executarem tarefas em grupo – testada através das onipresentes e, muitas vezes, curiosas “dinâmicas de grupo”. As questões da prova costumam ser semelhantes às do vestibular. Assim, o conhecimento adquirido e acumulado nos longos quatro anos de ensino humanístico, teórico e jornalístico são ignorados – pelo próprio desconhecimento dos avaliadores –, e a prática adquirida é considerada “insuficiente”, nem sequer sendo avaliada.

Tanto esforço para produzir pequenos ensaios telejornalísticos, que, no final, são totalmente desconsiderados na avaliação deste verdadeiro “rito de passagem” para o ingresso do futuro jornalista numa emissora de televisão. Trata-se, pois, no caso do Telejornalismo, de um completo distanciamento entre a prática acadêmica e a realidade do mercado. Não há participação de professores qualificados e experientes no processo de escolha dos estagiários para o universo do mercado telejornalístico. O professor que só dá aula em universidade fica completamente alienado dos critérios que formalizam estas verdadeiras maratonas seletivas, aplicadas a milhares de ansiosos postulantes a um lugar ao sol no tão limitado mercado profissional televisivo. Há, ainda, os que, seduzidos pelos “encantos” do meio, simplesmente tentam uma oportunidade de alcançar o tão almejado “televidão” (salários astronômicos e fama instantânea).

À universidade fica reservado um papel de coadjuvante nesta novela decisiva para o futuro da tevê. Por outro lado, atuando como uma espécie de “complementação” às deficiências dos cursos acadêmicos superiores, há os cursos profissionalizantes especializados em Telejornalismo. Estes são, normalmente, dirigidos e ministrados por profissionais “destacados” e “renomados” do mercado, que utilizam seu “sucesso profissional” para atrair uma grande parcela de alunos de jornalismo, ansiosos por uma

instrução prática eficiente, inexistente na maioria das faculdades de Comunicação.

Muitos alunos recorrem a esses cursos à procura, também, de uma “indicação” privilegiada para o mercado de trabalho. Eles costumam ser curtos – duram, em geral, poucas semanas – e caros, sendo, dessa forma, proibitivos para a maioria dos estudantes. Enfatizam a prática do jornalismo televisivo na produção de pequenas matérias e com um treinamento “relâmpago” de técnicas de apresentação para a tevê. Baseiam-se, ainda, num método de ensino equívoco, dando muita ênfase à forma e pouco cuidado ao conteúdo. São cursos de Telejornalismo no atual estilo *fast-food* ou, como exemplifica Pierre Bourdieu em seu controvertido livro *Sur la television*: “um Telejornalismo instantâneo com o mínimo de formação, mas repleto de *fast thoughts*, sem contextualizações mais profundas e complexas”. Trata-se de um reflexo instrucional da própria linguagem preponderante nos telejornais de hoje: rápida e pouco rígida.

Nesses cursos intensivos, as áreas profissionais mais necessárias e, provavelmente, menos glamourosas do universo telejornalístico, são pouco valorizadas e incentivadas, como as especializações de produtores, pauteiros, editores de texto e imagem, arquivistas ou mesmo cinegrafistas. Estas funções também conduzem à televisão, mas não ao “televidão”. Confunde-se a noção do ser jornalista, famoso e bem-sucedido, com a do “bom professor” – mais um exemplo do distanciamento entre a teoria e a prática, entre a escola e o mercado.

As alternativas dentro das universidades

Muitos professores de Telejornalismo vêm tentando, há muitos anos, isoladamente, oferecer alternativas a esse quadro pessimista das universidades brasileiras. Destacamos, por exemplo, o saudoso Professor Silvio Júlio Nassar, colega de tantos anos no jornal *O Globo*, a quem devo o privilégio da sedução pelo ensino universitário, e a quem, quis o destino, vim a substituir no ensino de Telejornalismo da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Tenho procurado dar continuidade às suas idéias ousadas e pioneiras de um ensino mais prático da nossa disciplina. Nassar já anunciava o caminho a ser trilhado em um artigo para o primeiro número da revista *LOGOS*, em 1990. Chamava-se “No ar, o Telejornal Universitário”, no qual descrevia as dificuldades, previa os obstáculos, mas, acima de tudo, indicava os benefícios de se produzir regularmente um telejornal dentro da universidade.

“No ar, o Telejornal Universitário.” Com esta frase marcando a abertura, os alunos do curso de Jornalismo viveram uma experiência interessante: fazer o telejornal semanal que, exibido no *hall* da UERJ, procurava informar a comunidade sobre os acontecimentos da universidade,

do país e do mundo, mas que funcionava como laboratório para a disciplina de Telejornalismo. Foi muito bom ter vivido essa experiência, apesar de ter sido tão curta. Minhas condições de saúde (perdoem-me por colocar uma questão pessoal, mas ela foi importante porque o curso da UERJ é recente, e só estou eu com as disciplinas de televisão) também colaboraram para que o projeto sofresse interrupção. Um telejornal exige muito esforço da equipe que o produz. Mas tenho certeza de que, um dia, fazê-lo será possível na UERJ, e espero que projetos semelhantes possam ganhar espaço e que o locutor, com todo o entusiasmo, possa anunciar: “No ar, o Telejornal Universitário”.

Projeto Telejornal Universitário: estudo de casos

Pela primeira vez, tive a oportunidade de colocar em prática essas idéias num projeto de ensino de Telejornalismo, que incluía a produção de um telejornal diário numa universidade particular do Rio de Janeiro. Com uma estrutura operacional mínima, custos reduzidíssimos e quase nenhum apoio institucional, mas com muito empenho por parte de toda a equipe de alunos, professores e funcionários, criou-se um telejornal diário exibido em circuito fechado dentro de dois *campi* diferentes.

Esse projeto se tornaria referência para muitos outros telejornais universitários em nosso país e, projeto pioneiro, foi reconhecido e premiado como o melhor telejornal universitário do país durante três anos, na mostra nacional de trabalhos experimentais – a EXPOCOM –, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Esta foi uma experiência ousada de oferecer alternativas ao ensino de Telejornalismo na universidade brasileira que, infelizmente, seguiu rumos diferentes da orientação original por decisões políticas e pessoais dentro da instituição promotora.

Por outro lado, o Telejornalismo não se resume somente à produção de telejornais, mas inclui uma série de outras linguagens televisuais, como as empregadas em documentários, shows esportivos e programas de debates com entrevistas, mais conhecidos como *talk-shows* – tentativas de recriar, na universidade, a característica de diversidade e de instantaneidade típicas do meio.

A busca de alternativas a um modelo de televisão universitária, sempre pré-ensaiada e pós-gravada, gerou uma tentativa de recriação da experiência única de um telejornalismo “ao vivo”, incorporando a espontaneidade temporal, com seus acertos e erros.

Projeto Caderno U

Apesar da importância dos telejornais, consideramos que o ensino da disciplina de Telejornalismo também deveria contemplar a apresentação e a prática de diversas

linguagens. Tentando seguir as previsões do Professor Sylvio Júlio, que disse: “um dia, aqui na UERJ, tenho certeza de que projetos semelhantes possam ganhar espaço”, criamos o projeto *Caderno U*, de grande sucesso entre os alunos voluntários, telespectadores curiosos e crítica especializada. O projeto foi concebido como laboratório experimental, e faz parte da pesquisa de campo do professor-coordenador, autor deste artigo, como subsídio para sua tese de doutorado.

Foi pensando na necessidade de desenvolver novas linguagens e maior variedade de programas telejornalísticos, que colocamos no ar esta nova tentativa de inovar a programação televisual. Assim, o *Caderno U* surgiu com pouquíssimos recursos, mas com o objetivo de formar os estudantes de Comunicação e, ao mesmo tempo, aumentar a audiência televisiva. Apresentado por um aluno, e não por um profissional do mercado, o programa anunciava: “Está no ar a nossa revista semanal de comunicação universitária”. Foram feitos 57 episódios, exibidos primeiramente na Tevé Universitária do Rio de Janeiro (UTV) e, logo depois, também no Canal Universitário de São Paulo (CNU), por indicação do jornalista, crítico de TV e diretor do canal universitário paulista, o Professor Gabriel Priolli.

O *Caderno U*, apesar dos recursos técnicos e financeiros limitados, procurava apresentar um jornalismo televisivo criativo, irreverente e com bastante conteúdo. Era, segundo a análise crítica de Priolli, “um bom programa, com a cara dos jovens cariocas”.

Do *Caderno U* participava “gente famosa”, como Zuenir Ventura, Ruy Castro, Nelson Motta, Lobão, Domingos Meirelles, Leilane Neubarth, Gabriel Priolli e Nelson Hoineff, que ia ao programa para conversar com os alunos apresentadores sobre televisão, jornalismo e comunicação. Os convidados especiais também tinham a oportunidade de assistir a diversos vídeos produzidos nos laboratórios das faculdades de Comunicação Social das universidades.

O *Caderno U* sempre foi aberto, um projeto único, ecumênico, que gerou um projeto produzido em parceria firmada entre alunos e professores de várias universidades, unidos pelo interesse comum de praticar o telejornalismo de uma forma criativa. O programa era produzido quase “ao vivo”, com um mínimo de interrupções durante a gravação, sem interferências, evitando-se uma edição corretiva desnecessária. Era um programa para ser visto, com seus erros e acertos, um verdadeiro laboratório e uma vitrine de novos talentos, com jovens experimentando recentes idéias comunicacionais.

O Professor Luís Carlos Bittencourt, autor de um dos principais manuais de Telejornalismo, e profissional com larga experiência na área, mostrou, em análise crítica ao *Caderno U*, que a problemática da televisão é ainda mais complexa:

“O grande desafio é mudar linguagem e conteúdo alternativo aos moldes do Jornal Nacional, RJTV etc. É aí que passa a formação de opinião e construção de modelos únicos. Por isso é preciso relativizar. No dia em que fizermos experiências alternativas ao Jornal Nacional, estaremos dando um passo essencial na busca de modelos mais democráticos de Telejornalismo; telejornais que levem de forma transparente a notícia, contextualizando-a, contribuindo para construir opinião crítica. Isso envolve forma e conteúdo, uma tarefa que, segundo os modelos existentes, não dá para se levar em conta. Os programas jornalísticos podem exigir mais porque são maiores, há mais tempo, entrevistas etc. Porém, eles não são os meios fundamentais de formação de opinião, pelo menos atualmente e por mais alguns anos. Qualquer experiência neste sentido, isto é, com modelos de programas jornalísticos, ainda serão incipientes. Novidade seria experimentar, por exemplo, o videojornalismo que você defende. Contribuir para desenvolver uma linguagem apropriada que modele uma linguagem audiovisual com sintaxe própria. Há uma questão importante que é a percepção humana, que é basicamente 70% visual. Só no dia em que estudarmos melhor esta percepção, caracterizando os pesos específicos da percepção visual e da auditiva, seus mecanismos de cognição e o desenvolvimento de uma sintaxe própria para a visual, estaremos dando um passo grande no desenvolvimento teórico e prático. Esse estudo é importante e pode ser um dos nossos objetivos”.

As televisões universitárias, infelizmente, fazem a opção por uma programação institucional, segura e conservadora, ao invés de enfatizarem experiências ousadas e pedagógicas. Diminuem, assim, a possibilidade do surgimento de novas linguagens. Os modelos das grandes emissoras são copiados, mas com menos recursos. A baixíssima audiência das tevês universitárias, restritas a canais a cabo por assinatura de alto custo, reflete de maneira sintomática o afastamento do seu público-alvo prioritário: os jovens universitários e seus professores.

Vivemos um período de críticas contundentes à TV e a sua produção exageradamente voltada para o consumismo, o sensacionalismo e a superficialidade, inclusive no Telejornalismo. Até mesmo as universidades e suas televisões insistem em ensinar e repetir as fórmulas já desgastadas de produzir e transmitir programas e notícias.

Tentamos, neste artigo, fazer uma breve exposição sobre a situação do ensino de Telejornalismo nas universidades brasileiras. Procuramos focar algumas alternativas para a renovação desse ensino, mas, como foi

analisado, o aprendizado eficiente de Telejornalismo exige a experiência prática, não simulada, contínua.

Dentro da disciplina de Telejornalismo na UERJ, adotamos o que pode ser a única maneira de colocar um profissional competente no mercado: oferecemos embasamento teórico sólido, prática profissional, trabalhos que desenvolvam a sensibilidade estética e visual do aluno, como também a visão crítica a respeito do meio. Essa experiência efetiva dentro de um canal de televisão teve a oportunidade única de ser realizada no programa *Caderno U*. Devido a questões políticas internas da UERJ, que não cabe aqui discutir, o programa foi tirado do ar, com graves prejuízos para os alunos do Curso de Jornalismo.

Conclusões

Alternativas continuarão a ser buscadas, tenho certeza, com maior ou menor êxito, dependendo da dinâmica institucional e do incentivo por parte daqueles que controlam as direções do ensino superior em nosso país. A experimentação de novas técnicas de aprendizagem para disciplinas consideradas essencialmente “práticas” não se coaduna com a restrição criativa e o imobilismo institucional de caráter tímido e conservador. Ensinar Telejornalismo deveria ser uma atividade tão dinâmica, criativa e inovadora quanto a própria televisão. Todavia, tentar fazê-lo somente com as idéias e os recursos dos saberes existentes é condenar o ensino a ser insatisfatório e frustrante, tanto para o aluno quanto para o professor.

Precisamos reconhecer, humildemente, que o ensino de Telejornalismo em nosso país – assim como, talvez, todo o processo educacional – precisa conviver interagir (?) de forma mais próxima e dinâmica com os novos recursos tecnológicos, como a multimídia, a própria televisão e a Internet. Mas ter acesso a estas novas ferramentas e manter as velhas idéias também não parece ser uma alternativa viável para as mudanças tão necessárias. A aquisição de novos equipamentos e o emprego de novas técnicas deveriam ser acompanhados de uma valorização do ensino continuado dos professores e uma maior proximidade com as realidades do mercado. O isolamento dos professores de Telejornalismo dentro das universidades é resultado de uma completa falta de possibilidades de encontros profissionais setoriais para se discutir os verdadeiros problemas desta área específica do ensino de Jornalismo. Convivemos com a falta de parcerias em relação às emissoras que controlam o mercado profissional e com a inexistência de recursos didáticos apropriados e modernos. Todos esses problemas podem ser extremamente prejudiciais ao próprio futuro da televisão, do Telejornalismo e, em última instância, da democracia em nosso país.

As atuais críticas da sociedade brasileira à produção televisiva são construtivas, mas carecem da discussão sobre

soluções alternativas viáveis. Contudo, essa discussão de conteúdo não deveria se limitar somente a questões como a idade legal de atores ou atrizes de novelas, ou às restrições de horários da programação da tevê. Um debate que ainda confunde “controle” com “censura” mostra, de maneira clara, a preponderância dos interesses econômicos sobre os sociais.

Por outro lado, o segmento do Telejornalismo brasileiro deveria considerar positivas essas cobranças e críticas sociais, e procurar repensar seus objetivos, sua história e sua formação técnico-profissional, não só dentro das redações das tevês, mas também dentro das salas de aula e dos laboratórios das universidades. O objetivo primordial deveria ser uma mudança qualitativa do Telejornalismo brasileiro, procurando uma formação mais adequada para os futuros profissionais, assim como uma reflexão sobre a formação dos atuais e futuros professores de Telejornalismo. O ponto de encontro das atuais parcerias entre as empresas e as universidades, salvo raras exceções, resume-se a um processo ainda pouco transparente de seleção de “estagiários”, ou seja, no final deste processo. Uma verdadeira parceria deveria estar voltada para toda a formação do aluno e do professor.

Além disso, deve-se repensar o próprio sentido da “experimentação de linguagem” no Telejornalismo brasileiro. Com a queda generalizada de audiência e o constante afastamento dos jovens dos noticiários, é preciso encontrar novas fórmulas para evitar um desequilíbrio ainda maior entre as características de entretenimento inerentes ao meio televisivo e sua potencialidade informativa e formadora. A universidade e as tevês universitárias poderiam ser estimuladas a trabalhar com esta experimentação laboratorial, para que pudessem produzir um Telejornalismo mais criativo, e não meras repetições “empobrecidas” das fórmulas existentes no mercado.

Concluindo, a universidade não deve abrir mão nem da formação cultural nem da formação técnica dos jornalistas de tevê – aspectos inseparáveis da mesma educação superior –, sob pena de se limitar essa formação a um ensino descontextualizado dos problemas do próprio meio e das importantes questões nacionais. Acreditar que televisão só se aprende fazendo dentro das empresas é desacreditar na essência do valor da educação superior em nosso país.

Nota

¹ Squirra, Sebastião. *O ensino de telejornalismo no Brasil, ou a hegemonia da instrução bidimensional, estática, num mundo tridimensional, cinético*. Paper produzido para o IV Seminário Internacional de Telejornalismo. Salvador, outubro de 1997.

Bibliografia

- BITTENCOURT, Luís Carlos. *Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Sur la television*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CUNHA, Albertino Aor da. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.
- NASSAR, Sílvio Julio. *Televisão: 1000 perguntas*. Rio de Janeiro: Estácio, 1984.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV – Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo*. São Paulo: Record, 1987.
- YORK, Ivor. *Basic TV reporting*. Londres: Focal Press, 1990.

* Antonio Brasil é telejornalista, Mestre em Antropologia Social pela London School of Economics, Professor da FCS/UERJ e doutorando em Ciência da Informação pelo IBICT/UERJ.